

Articulações e poder do corpo em Guimarães Rosa

Rubens Alves Pereira*

Resumo

Guimarães Rosa sustém, nas estranhas alianças da sua linguagem, pelo menos dois grandes regimes expressivos do mundo: de um lado, adensa quadros concretos de gente e lugar, de fatos e falas e, de outro, faz deslizar forças por entre os corpos – sutis vibrações que distinguem e definem os “acontecimentos” (os seres e seus inevitáveis enredos). Procuraremos demonstrar que Guimarães Rosa, no movimento *sui generis* da sua escrita do mundo, e em meio às inúmeras determinações virtuais que cruzam “o acontecer das coisas”, faz emergirem corpos vibrantes, investidos de signos e em permanente devir.

Palavras-chave: Guimarães Rosa; Corpo; Metafenomenologia.

A importância atribuída por Guimarães Rosa aos “corpos” (dos seres e das coisas) do mundo pode ser pressentida não só pela força performática do seu texto (o *tônus* da oralidade, o *pathos* do diálogo, a “espessura” vocabular, os torneios sintáticos),¹ como pelo cuidado artesanal com que orientava a edição dos seus livros: uma diversidade de inscrições dinamizavam o “corpo” dos livros, tornando-os irredutíveis à condição de meros suportes do texto verbal.² Assim, o *corpus* desta obra encena uma forma de presença semelhante à dos corpos do mundo – abertos a determinações múltiplas, atravessados por forças dinâmicas, jogos expressivos.

* Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS-BA.

¹ Gilles Deleuze (1996) observa que “a sintaxe é um estado de tensão para algo que não é sintático, para algo que nem é mesmo de linguagem (a sintaxe é qualquer coisa que está do lado de fora da linguagem). Em filosofia, a sintaxe é disposta pelo movimento do conceito. Ora, o conceito não se move apenas em si mesmo (compreensão filosófica), move-se também nas coisas e em nós: inspira-nos novos *perceptos* e novos *afectos*” (p. 97).

² Sob orientação atenta do autor, os livros de Rosa apresentam elementos que dialogam de forma diversa com o texto, como ilustrações de capa, desenhos nas orelhas, índices que se desdobram e ganham ilustrações, aparecendo não só no início, como no final e, às vezes, também nas orelhas dos livros – no caso de *Tutaméia*, o índice do final propõe modificações no título e, ainda, no estatuto de alguns textos que, de contos, passam a figurar como prefácios disseminados ao longo do livro.

E se é assim no estilo da escrita e na conformação dos livros, é para que melhor configure a complexidade do universo narrado, a movência do mundo. Flagramos esse ideário do escritor na fala do protagonista-narrador do **Grande sertão: veredas**, o ex-chefe de jagunço Riobaldo Tatarana: “E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a *matéria vertente*. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, *dar corpo* ao suceder” (ROSA, 1967, p. 79; grifos nossos).

A obra de Guimarães Rosa é marcada por um raro, e verdadeiramente espantoso, poder de penetração nos meandros dos “acontecimentos”, na floração do existir. Sua escrita mobiliza, em dimensões e velocidades diversas, o corpo e a alma, o visível e o invisível, o material e o mental. Na concepção filosófica de Gilles Deleuze (1991), o “acontecimento é uma vibração”, definida por duas componentes: a “extensão” e as propriedades intrínsecas que definem as “séries extensivas”, como altura, intensidade, timbre de um som, valor, saturação de cor (p. 119). O “acontecimento”, diz ainda o filósofo, “produz-se em um caos, em uma multiplicidade caótica, com a condição de que advenha uma espécie de crivo” (p. 118). Este crivo, veremos ao longo do trabalho, passa sobretudo pelo “corpo”, no que este se caracteriza como “transdutor de códigos”, ou seja, “a sua aptidão para emitir e receber signos, para os inscrever sobre si mesmo, para os traduzir uns nos outros”, conforme argumenta José Gil (1997, p. 32). Procuraremos demonstrar que Guimarães Rosa, no movimento *sui generis* da sua linguagem, e em meio às inúmeras determinações contextuais que cruzam seus enredos, busca flagrar o mundo em seu frescor, ou fervor criativo, ou seja, em seu devir permanente inscrito na força dos corpos.

Certa vez, questionado sobre as dificuldades de leitura impostas por suas obras, Guimarães Rosa usou um argumento que, deslocando-o de um possível virtuosismo técnico ou de um mero experimentalismo formal, indica uma espécie de força diferencial investida na linguagem, tornando-a contígua à vitalidade do mundo, num consórcio íntimo com o “quem das coisas”. Disse, então, Guimarães Rosa: “Eu não escrevo difícil, eu sei o nome das coisas” (entrevista a Pedro Bloch). Saber o nome das coisas é também, numa dimensão humana e em certa medida, criá-las, rivalizando com a natureza, ou com o real.

Guimarães Rosa sustém, na alquimia da sua linguagem, pelo menos dois grandes regimes expressivos do mundo: por um lado, adensa quadros concretos de gente e lugar, de fatos e falas e, por outro, faz deslizar forças, sutis vibrações que distinguem e definem os acontecimentos. “Quando se vem vindo sertão a dentro, a gente pensa que não vai encontrar coisa alguma”, observa um narrador russo (Buriti, 1956), como a advertir para os assombros de um aparente vazio nos ermos daquele mundo. Este vazio, em verdade, guarda os infinitos movimen-

tos do caos original. O que se entrevê nessa fala ganha forma na reflexão de Riobaldo a respeito de uma de suas andanças, “sertão a dentro”: “A esses muito desertos, com gatinha pobrejando. Mas o sertão está movimentante todo-tempo – salvo que o senhor não vê; é que nem braços de balança, para enormes efeitos de leves pesos” (GSV, p. 391). Corpo vivo, este “sertão” não determina, antes se comunica, troca fluxos com os corpos vivos que nele se entrelaçam.

Esse movimento de corpos porosos, “transdutores de códigos”, reflete-se no processo narrativo como um desdobramento natural do “mundo em movimento”. “Não sei contar direito”, desculpa-se o jagunço-narrador, acrescentando em seguida: “Aprendi um pouco foi com o compadre meu Quelemém; mas ele quer saber tudo diverso: quer não é o caso inteirado em si, mas a sobre-coisa, a outra-coisa” (GSV, p. 152). A reflexão metalingüística transborda em ato reflexo de presentificação do corpo vivo no espaço da fala, no fluxo da narrativa. Como diz o filósofo José Gil (1997),

Porque fala – e se ouve – vivemos o nosso corpo numa presença imediata, [...] inquestionável, do seu sentido (que se confunde com o da sua/da vida). Tem assim a unidade de um sentido que se vive (e não se pensa, não visa um objeto). [...] O corpo, pela voz, contém esta unidade de vida e de sentido. (p. 89)

Desta forma, verificamos que o sujeito da percepção, conforme ainda a fenomenologia de Merleau-Ponty invocada por Gil, está inserido no horizonte percebido. Por um lado, considerando a dimensão referencial, percebe-se este ato-reflexo de implicação mútua na inversão sintática da citada fala de Riobaldo, frase esta recorrente ao longo das cerca de 500 páginas do romance e que modula a reflexão existencial do protagonista como uma espécie de evocação do seu *alter ego*: “compadre meu Quelemém”. Pela disposição sintática da frase, formula-se uma tensão ou ambigüidade entre uma referência de proximidade, “compadre meu”, e uma implicação profunda com o outro, “meu Quelemém”. Noutro sentido, considerando o contexto de enunciação oral, percebe-se ainda esta presença imediata do corpo de Riobaldo no fato de ele estar diante da própria voz, flagrando-se no ato narrativo.

RASTREAR IDÉIAS: O CORPO E SEUS DEVIRES

Riobaldo Tatarana, angustiado narrador-filósofo das terras do sertão e das suas artes e errâncias na guerra e no amor, tem uma privilegiada sensibilidade perceptiva (abertura dos sentidos), uma forma de inteligência corporal que, no fluxo da vida em que se armam os enredos, capta as forças que emanam de outros

corpos. Trata-se de um ser atento às vibrações sutis, às “pequenas percepções” – metafenômenos situados em regiões de interface interior/exterior dos corpos. Como diz José Gil (1997), “são múltiplos os espaços da alma, e as suas regiões, os seus compartimentos: o corpo é o que multiplica a alma, lhe oferece uma geografia, uma geologia, uma topologia” (p. 156).

Como ponto de partida para estabelecer os parâmetros de um “inconsciente do corpo”, ou de uma metafenomenologia que compreende o corpo como um “transdutor de códigos”, vejamos mais uma fala metanarrativa de Riobaldo: “Eu quase que nada sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre – o senhor solte em minha frente uma idéia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém!” (GSV, p. 15).

Destaquemos alguns elementos dessa prismática fala. Primeiro, observamos que a distância que vai do *saber* ao “desconfiar” é de ordem epistemológica e incide sobre a natureza ambivalente e esquiva do “real”, em conformidade com o que também expressa o próprio Guimarães Rosa (1979) num dos prefácios de **Tutaméia**: “Meu duvidar é da realidade sensível aparente – talvez só um escamoteio das percepções” (p. 148). Em outro “prefácio” deste mesmo livro, Rosa ironiza “o terra-a-terra das relações positivas”, ou mesmo a falta de “lazer” para “nos ocuparmos em aumentar a riqueza, a beleza, a expressividade da língua. Nem nos faz falta capturar verbalmente a cinematografia divididíssima dos fatos ou traduzir aos milésimos os movimentos da alma e do espírito” (p. 65). Esta “captura” verbal, como o “rastrear” de Riobaldo, é sobretudo um investimento do corpo e do espírito, da intuição e da inteligência. “Cão mestre” no “pensar longe” uma encarnada “idéia ligeira”, Riobaldo concebe o ato perceptivo da vida não como pura especulação mental, mas como uma força viva a “rastrear” idéias, a recortar suas direções e volumes no corpo do mundo, no “fundo de todos os matos”. A vida, assim vertendo desse “espaço limiar entre interior e exterior”, é petição de milagre nos confins da alma: “Sertão: é dentro da gente” (p. 235), diz Riobaldo.

Ao descrever o complexo processo de articulação entre o interior e o exterior do corpo, José Gil chega ao conceito de “infralíngua”, sendo esta uma dimensão expressiva fundamental para enfrentar o desafio sugerido, e assumido por Guimarães Rosa, qual seja, o de “capturar verbalmente a cinematografia divididíssima dos fatos ou traduzir aos milésimos os movimentos da alma e do espírito”. Atento às “metamorfozes do corpo”, Gil (1997) argumenta que “se deve entender a infralíngua como resultado de um processo de incorporação da linguagem verbal, ou melhor, da sua inscrição-sedimentação no corpo e nos seus órgãos” (p. 46). Com isso, o corpo, na “plasticidade do seu próprio espírito”, adquire uma inteligência que vai

refluir, por sua vez, sobre a linguagem e o intelecto puro: vai neles induzir movimentos subteis, associações, impregnações, contaminações semânticas imperceptíveis mas decisivas que testemunham a transformação do espírito numa espécie de grande corpo felino capaz de intuições, pressentimentos, fulgurações, “sextos sentidos” que só o pensamento por imagens pode fornecer. (p. 46)

A infra-língua, além de responsável pelos processos imaginativos, possibilitaria “introduzir no pensamento lógico (e no conceito) o movimento propriamente empírico do corpo e das coisas” (GIL, 1997, p. 47). O conceito de “significante flutuante” é importante para se chegar ao processo constitutivo dessa infralíngua, das “pequenas percepções”. Sistematizado pelo filósofo no início do seu livro **Metamorfoses do corpo**, este conceito de “significante flutuante” sustenta-se no fato de que há um “excedente de significação” no mundo não abarcado pelos signos: “há sentido, há significado, mas é impossível atribuir-lhe *um* sentido referenciável e preciso”. Este fato configura uma “espécie de zona de indeterminação” entre significante e significado e explicaria, segundo José Gil (citando Lévi-Strauss), “todos os aspectos semânticos estranhos de certas noções primitivas como *mana*, que parecem pertencer a todos os códigos – as coisas têm um *mana*, assim como as plantas, os homens [...]”. Ainda citando o antropólogo, Gil (1997) explica que “estes significantes flutuantes não designariam nada de preciso, teriam muito simplesmente *um valor simbólico zero*”. Enfim, o “significante flutuante [...] designa sempre uma energia, uma força que é impossível ver significadas em códigos”, e tem o mérito de possibilitar “o exercício do pensamento simbólico” (p. 16-19; grifos do autor).

A partir desses princípios, José Gil (1997) identifica na infralíngua “um procedimento geral para pensar o mundo, quer dizer, para que o mundo sensível, variável, caótico, adquira ordem e sentido”. Nesse processo, diz ainda o filósofo, “as articulações do corpo deixam circular a energia. O essencial do significante flutuante é manifestar a vida no que ela tem de imprevisível, de variado e de espontâneo” (p. 47-48). Saber acionar tais significantes é fazer falar o corpo, colocá-lo em comunicação com os corpos do mundo: “O sertão está em toda a parte”, assoma Guimarães Rosa (GSV, p. 9).

Vamos enfocar mais diretamente alguns elementos representativos dos enredos de Rosa. Destacaremos, inicialmente, uma cena de **Sagarana**, e para concluir nós faremos alusão a uma cena de **Grande sertão: veredas**.

Na cena final do conto “A hora e a vez de Augusto Matraga”, cena exemplar, vê-se o combate mortal entre o ex-valentão Augusto Matraga, convertido e “pactário” com Deus, e o famigerado jagunço Joãozinho Bem-Bem, seu inesperado amigo.

A HORA E A VEZ DE NHÔ AUGUSTO ESTÊVES MATRAGA

“Matraga não é Matraga, não é nada. Matraga é Estêves. Augusto Estêves, filho do Coronel Afonso Estêves, das Pindaibas e do Saco-da-Embira. Ou Nhô Augusto – o homem...” (ROSA, 1980, p. 324).³ Assim começa o conto “A hora e a vez de Augusto Matraga”, com este jogo de identidades do protagonista. Após a negativa da primeira frase (“Matraga não é Matraga, não é nada”), que contraria o título logo acima, o apelido “Matraga” só voltará a aparecer no finalzinho do conto, após as quase 50 páginas em que o “penitente” Nhô Augusto vai cumprindo a sua sina. Inicialmente, homem desregrado, amigo do jogo, valente-brigador, desrespeitoso. Depois de uma espécie de morte e renascimento, converte-se em cristão penitente em busca da salvação. Por fim, o encontro e o confronto com Joãozinho Bem-Bem, seu amigo de sina jagunça.

Filho de Coronel rico, o destemido Nhô Augusto vai passar por muitas provações: com a morte do pai, acaba por perder os bens da família; sua mulher foge com outro homem, levando a filha; seus homens de luta debandam para o lado de um fazendeiro inimigo, que o ameaça de morte. Ao enfrentar, sozinho, este inimigo, é dominado, espancado e, já desfalecido, é ferrado, não sendo morto porque, no calor do ferro quente, acorda em sobressalto e se atira num precipício, sendo dado como morto por seus algozes. Do fundo do precipício “renasce”, resgatado e tratado por um casal de negros velhos. Vai aos poucos se recuperando, recebe visita de padre, confessa suas dores e arrependimentos e promete buscar a salvação eterna. Antes de fugir para longe, confins do dentro, faz um estranho pacto de auto-salvação, ajoelhado no meio da estrada, braços abertos em cruz: “— Eu vou p’ra o céu, e vou mesmo, por bem ou por mal!... E a minha vez há de chegar... P’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete!...” (p. 340). Forçado penitente, segue o personagem em busca incerta da salvação, até encontrar a sua *hora e vez* no endemoniado combate com Joãozinho Bem-Bem e seu bando.

O primeiro e amigável encontro se deu no pequenino povoado em que Nhô Augusto se recolheu do mundo:

O bando desfilou em formação espaçada, o chefe no meio. [...] de olhar dominante e tosse rosnada, mas sorriso bonito e mansinho de moça – era o homem mais afamado dos dois sertões do rio: [...] maior do que Antônio Dó ou Indalécio; o arranca-toco, o treme-terra, o come-brasa, o pega-à-unha, o fecha-trêta, o tira-prosa, o parte-ferro, o rompe-racha o rompe-e-arrasa: Seu Joãozinho Bem-Bem. (p. 348)

E o jagunço é só altas presenças para medo e espanto de todos. Mansidão de tigres e cobras, imprevisto no seu bastante proceder.

³ Todas as citações deste conto referem-se a esta edição.

No calor da novidade, Nhô Augusto caminha, meio desengonçado, ao encontro do famoso bando de jagunços, e recebe a imediata simpatia do chefe: “— Não debocha, companheiro, que eu estou gostando do jeito deste homem caminhar”, assim ele repreende um de seus seguidores que tal procedia (p. 349). Joãozinho Bem-Bem e seu bando são hospedados na casa de Nhô Augusto, recebendo veneração e cuidados especiais. A profunda empatia do chefe jagunço com Matraga leva-o a convidá-lo a fazer parte do bando, tentação a que ele resiste.

O segundo e definitivo encontro dos dois (e que mais nos interessa aqui) se dá no arraial do Rala-Côco, onde Matraga chegou por acaso, após vagar pelo mundo, em penitência desatinada. Ao saber que Joãozinho Bem-Bem estava arranchado no local com seus jagunços, Matraga logo se dirige ao distinto amigo, sendo muito bem recebido: “Fitava Nhô Augusto com olhos alegres, e tinha no rosto um ar paternal. Mas, na testa, havia o resto de uma ruga” (p. 363). Um resto de “ruga” na testa, como a desconfiar, Joãozinho Bem-bem, do movimento sorrateiro do mundo... O imprevisto “mano velho”, Nhô Augusto.

Aconteceu que um dos jagunços do bando foi morto por um rapaz daquela cidade, que conseguiu fugir. O pai do criminoso é intimado a responder, devendo a pena recair sobre sua família. “O velhote chorava e tremia” ajoelhado aos pés do chefe jagunço, suplicante ao extremo, evocando a piedade daquele homem, se oferecendo em sacrifício de morte e, por fim, apelando às forças divinas: “... Pelo sangue de Jesus Cristo e pelas lágrimas da Virgem Maria!...”. Ao que Joãozinho Bem-Bem, categórico, após evocar o código jagunço, sentencia: “Um dos dois rapazinhos seus filhos tem de morrer, de tiro ou à faca, o senhor pode é escolher qual deles é que deve pagar pelo crime do irmão. [...] as mocinhas são para os meus homens”. Esgotadas as vãs súplicas, “o velho, sem se levantar [...], hirtto, cordoveias retesas, mastigando os dentes e cuspiendo baba, urrou: – Pois então, satanaz, eu chamo a força de Deus p’ra ajudar a minha fraqueza no ferro da tua maldição!...” (p. 366). Silêncio de profundos ecos na sala.

Do fundo sem margem do silêncio, Matraga pede ao amigo Joãozinho Bem-Bem o perdão para o velhote, que, no zelo da família, evocara “Nosso Senhor” e a “Virgem Maria”:

Nhô Augusto tinha falado; e a sua mão esquerda acariciava a lâmina da lapiana, enquanto a direita pousava, despreocupada, no pescoço da carabina. Dera tom calmo às palavras, mas puxava forte respiração [...]. *Os olhos cresciam, todo ele crescia*, como um touro que acha os vaqueiros excessivamente abundantes e cisma de ficar sozinho no meio do curral. (p. 367; grifo nosso)

O chefe jagunço perguntou se ele estava caçoando, e Nhô Augusto respondeu que não: “Estou pedindo como amigo, mas a conversa é no sério, meu amigo, meu parente, seu Joãozinho Bem-Bem”. Ao que retruca o valente, do alto da

sua superioridade de afamado chefe de jagunço: “— Pois pedido nenhum desse atrevimento eu até hoje nunca que ouvi nem atendi!...”. Atmosfera pesada, “o velho engatinhou, ligeiro”, para um canto de parede; “no calor da sala, uma mosca esvoaçou”. E então, Nhô Augusto como que desatina:

— Pois então... — e Nhô Augusto riu, como quem vai contar uma grande anedota — ... Pois então, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem, é fácil... Mas tem que passar primeiro por riba de eu defunto...

Joãozinho Bem-Bem *se sentia preso a Nhô Augusto por uma simpatia poderosa, e ele nesse ponto era bem assistido, sabendo prever a viragem dos climas e conhecendo por instinto as grandes coisas*. Mas Teófilo Sussuarana era bronco excessivamente bronco, e caminhou para cima de Nhô Augusto. Na sua voz:

— Êpa! Nomodopadrolhospritosantamên! Avança, cambada de filhos-da-mãe, que chegou minha vez!...

E a casa matraqueou... [...] Nhô Augusto gritando qual um demônio preso e pulando como dez demônios soltos. (p. 367; grifos nossos)

Na confusão infernal do combate, alguns jagunços caem mortos, outros fogem e Nhô Augusto e Joãozinho Bem-Bem, já sem munição mas em júbilo de luta fraternal, rolam para a rua com facas em punho. Nhô Augusto, mesmo cravado de balas, consegue ferir o adversário. Agonizando, Joãozinho Bem-Bem elogia a valentia do adversário, se confraterniza e propõe amizade naquela hora extrema: “— Estou no quase, mano velho... [...] Quero acabar sendo amigos...” (p. 369). Pouco depois, morre também Augusto Matraga, satisfeito de ter chegado a sua hora e vez de reatar as pontas do destino nele enredado.

No que pese o esforço de contextualização dos fatos e a longa citação dos momentos decisivos, interessa-nos destacar a profunda afinidade entre Nhô Augusto e Joãozinho Bem-Bem, o jogo de forças psicofísicas que se instaura entre eles. Tendo simpatizado com o seu “mano velho” a partir do jeito de andar; Joãozinho Bem-Bem sabia “prever a viragem dos climas” e conhecia “por instinto as grandes coisas”. Nos atos e falas, nos gestos e expressões corporais de Nhô Augusto se inscreviam, para o valente chefe jagunço, os “signos flutuantes” de uma força distinta, de uma personalidade exemplar. No momento mais agudo, em que a realidade aparente se cala e o silêncio fantasmagórico evidencia o “esvoaçar de uma mosca” e a “viragem dos ventos”, corpo e espírito se potencializam: “os olhos [de Nhô Augusto] cresciam, todo ele crescia, como um touro que acha os vaqueiros excessivamente abundantes e cisma de ficar sozinho no meio do curral”. Joãozinho Bem-Bem “se sentia preso a Nhô Augusto por uma simpatia poderosa”, mas não teve tempo de domar “o acontecer das coisas”, pois o “bronco excessivamente bronco” jagunço Teófilo Sussuarana não tem o dom das “pequenas percepções”, não sabe o que está se passando nas micro-frequências daquele instante, e avança para o manso e endemoniado Matraga. “Esquivo” em

seus modos de homem pacato, Nhô Augusto induz Teófilo Sussuarana ao “equivoco” do ataque.

De um modo geral, como argumenta José Gil, “a relação indicada pelo corpo do outro inaugura uma diferença irreduzível: entre o que mostra e o que esconde, ao nível mesmo da percepção simples. Percepcionar um corpo outro significa, antes de mais, sofrer uma esquivia e compensá-la com um equívoco”. Este espaço diferencial pode ser atenuado quando se visa, diante do corpo do outro, “o seu vivido”, ou melhor, “a sua ‘alma’ com tudo o que ela comporta de afectos e pensamentos”. Diz ainda o filósofo que “o visar não se dirige a um ‘sentido’, a uma ‘essência’, mas a um contato vital; ‘comunicar’ com outrem é entrar em contato, misturar substâncias”. Por sua vez, o “misturar substâncias que se visa”, diz ele, “é um conhecimento imediato pela afetividade” (GIL, 1997, p. 148). Apenas Joãozinho Bem-Bem consegue estabelecer esse “contato vital” com Augusto Matraga, no calor daquela grande presença de homens em armas.

DIADORIM E O FEMININO DA NATUREZA

Para concluir, faremos apenas uma breve referência a Diadorim, no que se refere à interdição do seu corpo feminino – mulher travestida de homem. Essa “dessemelhança”, fruto da interdição ou desvio do feminino, atordoa Riobaldo. Impossibilitada de exercer a feminilidade no próprio corpo, Diadorim busca fora de si, na natureza diversa (os pássaros e seus cantos, os animais, as plantas, os fenômenos naturais), um espaço possível para encarnar a delicada sensualidade e a acolhedora sensibilidade que definem a sua encoberta condição feminina. O mundo torna-se minúcias de sedução.

Na natureza, a donzela-guerreira encontra um “corpo” capaz de acolher o seu amor e disseminá-lo no outro, sem macular o seu segredo, sem constranger o seu amado. Essa experiência transversa do amor e da pulsação feminina de Diadorim marca profundamente Riobaldo, alimentando-lhe o olhar poético que recorta o sertão e potencializando-lhe, pela memória afetiva, a própria narrativa.

Riobaldo está irremediavelmente marcado por este ser-mulher, por esta força feminina encarnada no mundo, e impregnada no canto.

Abstract

In Guimarães Rosa's odd language there are at least two great expressive systems of the world. On the one hand, it fills the concrete spaces made of people and place, events and speeches and, on the other one, it powers bodies with subtle vibrations that not only distinguish but also define the "events" (beings and their unavoidable plots). We will try to show that in Rosa's sui generis movement of writing the world in the middle of innumerable virtual determinations that cross "the happening of things", he makes vibrant bodies emerge by means of signs in permanent process of changing.

Key words: Guimarães Rosa; Body; Metaphenomenology.

Referências

- DELEUZE, Gilles. **A dobra**: Leibniz e o barroco. Tradução Luiz Orlandi. Campinas: Papyrus, 1991.
- DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**. Tradução Edmundo Cordeiro. Lisboa: Vega, 1996.
- GIL, José. **Metamorfoses do corpo**. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.
- ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.
- ROSA, João Guimarães. No Urubuquaquá, no Pinhém. **Corpo de baile**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
- ROSA, João Guimarães. **Tutaméia** (Terceiras estórias). 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.
- ROSENFELD, Kathrin H. **Grande sertão: veredas – roteiro de leitura**. São Paulo: Ática, 1992.